Ano 16.° Sabado, 12 de Maio de 1923 N.° 776

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões—AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.° 21
AVEIRO

FILMS...

O deputado Sá Pereira disse outro dia a um jornalista, que o entrevistou, que o correli, gionario Antonio Maria da Silva na presidencia do ministerio, não tem feito senão asneiras.

Isso sim! O ilustre pae da Patria, certamente, quiz mangar com a tropa...

DOIS jovens, visados numa energica campanha encetada pelo diario *La Justicia*, de Montevideu, contra certos factos imorais praticados por elementos decadentes da sociedade, pretenderam, há dias, liquidar o jornalista moralisador, atirando sobre ele. Mas, por erro de pontaria, o plano falhou. E o que sucede agora? Os companheiros, vendo afastados do *gremio* aqueles consocios, que se acham presos, mexem todas as influencias para os soltar, ameaçando de produzirem ainda escandalo maior se a sua vontade não fôr satisfeita!

Havemos de concordar que esta sucia de... Montevideu é talvez das mais completas que existem no mundo...

Quem os satisfizesse por uma vez...

COIMBRA progride. Coimbra avança. Coimbra prospéra. Imaginem que já tem policias sinaleiros! E cá? Ora os de cá continuam a olhar... ao sinal...

FUNDOU-SE recentemente nos Estados Unidos uma agencia que tem publicado nos jornais o seguinte anuncio:

> Se sois estrangeiro, vos agrada boa companhia e desejais passar um serão alegre, esta agencia apresentar-vos-á a uma joven bonita e inteligente, de esmerado trato, que será uma excelente companheira de mesa ou de teatro. Indicai-nos que qualidades desejais. Este convinte é dirigido unicamente a homens bem educados que procurem uma distracção honesta para um serão. Preço 25 dollars.

Um paiz ideal, este, porque tem de tudo. Para dar aos de casa e ainda para distribuir pelos estranhos, que *honestamente* se queiram utilisar das suas *misses* em noites de serão...

TORPEDEADO

Os radicaes do P. R. P., naturalmente por o conhecerem de gingeira, excluiram da lista do Directorio o nome do sr. Vitorino Godinho, cunhado do *futuro dirigente da nação*, Barbosa de Magalhães, sendo eleito em seu logar o velho republicano dr. Pereira Osorio. E assim vai proseguindo a obra de saneamento que em todos os partidos é defendida por os que colocam acima de tudo os interesses capitaes da Republica.

Teatro Aveirense

Com a casa completamente cheia estreou-se ontem a companhia reduzida de opera italiana sob a direcção da soprano Helena Fons, que representou a *Aida*, conhecida partitura do maestro Verdi, no meio de gorais aplausos.

Hoje cantar-se-ha a *Carmen*, de Bizet, constando que na segunda-feira haverá um terceiro espectaculo com *Os Palhaços* e *Cavalaria Rusticana*.

A Ria de Aveiro e as suas origens

V

Tres molhes de areia podemos distinguir na ria de Aveiro: o de Ovar-Estarreja que reputo o mais antigo; o da Gafanha que julgo ter-se formado imediatamente depois daquele e o de Espinho-Cabo Mondego que é historico já e cujos progressos não teem agora nenhuma probabilidade, parecendo terminado, embora batido a toda a hora pelas ondas, marés, ventos e correntes que ligeiramente o modificam.

O de Ovar-Estarreja que não julgo explicavel pela ação aerea sómente, marca, a meu vêr, a primeira fase da separação e diferenciação da laguna. As embocaduras do Vouga sobre o mar, nesta epoca devem ter existido pelas alturas de Pardilhó—Bunheiro—Murtosa.

Antes de se formar o terceiro cabedêlo ou seja o cordão de areias onde hoje assentam as praias do Furadouro, Torreira, S. Jacinto, Barra, Costa Nova, Vagueira, Mira e Tocha, o Vouga devia ter desaguado por um delta perfeito.

A sua foz principal, já nos tempos historicos, posteriormente á formação do ultimo cabedelo, esteve ainda na direção da Murtosa, em obediencia á primitiva orientação.

Mas a tendencia para o sul era manifesta. A barra da Torreira, de que já o sr. dr. Sowalbach Lucci faz mensão por lhe ter sido apontada pelo sr. Silverio da Rocha e Cunha que viu um documento que se lhe referia, caminhou para o sul obedecendo a essa tendencia, e a abertura do Rio Novo do Principe, na regencia de D. João VI, ainda seguiu a mesma lei.

Mas temos de volver muitos seculos atraz, porque a propria barra da Torreira é relativamente moderna!

Os materiais carreados pelo rio, que a principio se teriam depositado por Pardilhó e Bunheiro, ao abrigo do banco arenoso que vinha do norte, passaram a depositar-se para a esquerda da foz do rio formando baixios e acumulando ilhotas.

Ou porque o remanso das aguas o permitisse ou porque o mar, sem grandes furias já, encontrasse emergencias de fundos de alguma consistencia, as areias juntaram-se ao longo da costa meridional formando o cabedelo que hoje constitue a Gafanha.

Merece, até, muita atenção a edade desta acumulação arenosa, absolutamente independente do cordão litoral moderno, o que tem passado despercebido a todos os estudiosos da nossa Ria.

Nas proximidades da barra actual, por exemplo na ilha da Mó do Meio sobre a qual estão as duas motas do Canal do Espinheiro, o sub-solo é constituido por aquilo a que o vulgo chama *salão*, argila antiga superior aos barros de Aveiro e que aparece superficialmente nas Agras e noutros pontos.

Esta constituição geologica da Mó do Meio é revelada pelo engenheiro Silverio Pereira da Silva num dos seus relatorios, servindo de base aos fundamentos das motas.

E' verosimil que esses ou outros baixios, não descobertos ainda por falta de sondagens geologicas, tenham provocado assoreamentos que se alinhariam com os de Pardilhó-Bunheiro ou Veiros-Estarreja.

Entre o cabedelo do norte, onde hoje se estende a rica planura da activissima Murtosa—que é uma Gafanha mais antiga—e o cabedelo do sul onde hoje assenta a fecunda e tão esperançosa povoação da Cale da Vila, abriam-se os esteiros do delta do Vouga.

Um dos mais persistentes desaguadouros do rio neste periodo carateristicamente deltaico, deve ter sido o canal que se vê ainda entre a ribeira de Pardelhas, porto do Bico e Ilha da Testada, na frente de Salreu e Canelas, onde desembocam os esteiros destas duas localidades, os de Veiros e de Estarreja e o rio Antuã.

A foz do Antuã é curiosissima por insignicante e indecisa. O rio que em Estarreja tem ainda importancia e o pitoresco tão proprio dos rios portuguêses, perde-se por completo na planicie aluvionar dos campos de Salreu, desaguando nas praias de junco e canizia por um delta de valas quasi mortas que nos surpreendem pela sua mesquinhez e que demonstram que a foz do rio foi perturbada e fragmentada pelo acidente dos depositos do Vouga e do Mar.

A foz do Antuã, primitivamente no local onde hoje passa a linha ferrea ao chegar a Estarreja, onde é natural que se tenha ainda infiltrado um braço marinho, correu tambem para o sul e sudoeste.

O Rio Velho—entre S. Julião de Cacia e o Chegado da Murtoza, representa um estadio posterior ao da barra da Murtoza e de perfeita decadencia da corrente do Vouga já impotente, pelo fraco volume das suas aguas e pelo ligeiro declive do seu curso, para romper os assoreamentos e depositos do seu delta.

A' decrepitude das correntes interiores correspondeu um trabalho intenso das aguas marinhas, dos ventos do Atlantico e da corrente costeira que lançaram as bases do cordão exterior ou do terceiro e ultimo cabedelo.

Quando este surge, uma nova fase se diferença na historia da nossa ria: ao delta sucede o *lido*, a laguna, o *haff*.

Só então a Ria toma o seu aspecto actual.

Orbigny calculou que as dunas da Gasconha se formaram no ano 2.000 antes de Cristo.

O engenheiro Araujo e Silva computou em 25 seculos a edade da Ria de Aveiro.

A formação da Ria, propriamente dita, pelo distendimento e consolidação do cordão de dunas que hoje constituem a costa, não deve, efetivamente, ter-se operado ha mais de dois mil e quinhentos anos.

Alberto Souto.

Exames no liceu de Aveiro

No atrio do liceu está afixado um edital com as instruções necessarias áqueles que pretendam fazer exame em julho proximo.

O praso para a entrega dos documentos vai de 1 a 15 de junho.

Se esse fosse o remedio...

Recortâmos de *A Patria*, conceituado diario da capital:

Vai creando consistencia, na velha familia republicana, a ideia do renascimento da propaganda democratica, nos moldes em que ela foi feita pelos precursores da Republica.

Como fômos os primeiros a noticiar, é um nucleo que se reconstitue para a obra do apostolado dos principios republicanos, sem o menor vislumbre ou intenção de governar, mas de orientar os governos do regime, impondo-lhes permanentemente o dever de tudo sacrificarem ás justas aspirações republicanas.

Os antigos propagandistas, entre os quais se contam os srs. Teofilo Braga, Bernardino Machado, Magalhães Lima, Boto Machado, Luiz Filipe da Mata, têm recebido as adesões de grande numero de republicanos, a quem a marcha da Republica não satisfaz e acolhem com verdadeiro alvorôço a iniciativa apregoada.

Tem havido troca de impressões no sentido de acabar o isolamento a que se tinham votado muitos antigos republicanos, contando-se que de novo venham á liça defender o ideal e os principios por que noutros tempos se bateram.

Essa troca de impressões dá-se em toda a parte onde se encontram alguns dos elementos para quem o advento da Republica não foi qualquer dos milagres do deserto para o povo eleito. Daí, o carinho com que essa obra de reabilitação tem sido acolhida.

E' uma força moral que surge, eis tudo.

E o paiz bem dela precisa. Mas será esse o remedio?

TELEGRAMA

Para Lisboa acaba de ser expedido o seguinte:

Ex.mo Ministro do Comercio
Lisboa

A Associação Comercial de Aveiro vem pedir a V. Ex.a rapida aprovação do Regulamento da Junta Autonoma das Obras da Barra, que por esse motivo tem paralisados serviços urgentes. Lavra grande descontentamento nesta região por este facto, tanto mais quanto o Regulamento não traz nenhum encargo para o tezouro publico.

O Presidente da Direcção,

(a) **José Soares.**

Saude publica

As variantes da temperatura e a inconstancia do tempo que ultimamente se tem notado alteraram por tal forma a saude publica que se pode dizer que uma verdadeira epidemia se está manifestando sob varios aspectos, entre os quais a bronco-pneumonia, a grippe, o sarampo e tantos outros males que, em larga escala, estão implacavelmente atingindo a humanidade.

E chama-se ao mez de maio o mez das rosas!

Se nos dão licença este ano é de espinhos e bem agudos.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Banco de Portugal

Este Banco acaba de publicar um trabalho interessante e instrutivo sobre as suas agencias. O Banco de Portugal teve como origem o Banco de Lisboa criado em 1821, que em 1846 se fundiu com a *Companhia Confiança Nacional* e tomou o nome de Banco de Portugal, sendo-lhe garantido por um descreto até ao fim do ano de 1876 o privilegio exclusivo de emitir no continente do reino notas e obrigações pagaveis á vista e ao portador. Este decreto foi confirmado pela Carta de Lei de 16 Abril de 1890, a qual é o diploma basico da instituição do Banco de Portugal.

Em 1887 o capital do Banco foi elevado a 13.500 contos, sendo-lhe dada por 40 anos a faculdade de emitir notas no continente e Ilhas Adjacentes e ficou sendo o banqueiro e a caixa geral do Tesouro, com a obrigação de crear agencias em todas as capitais dos distritos.

Em 1891 o governo autorisou uma reforma do Banco de maneira que se desenvolvesse a circulação fiduciaria e se ampliasse a concessão de creditos ao comercio e industria. Na publicação agora dada á luz a proposito das Agencias se vê o progresso que elas tem tido e o papel que, sob o ponto de vista economico e moral, elas desempenham no paiz.

Assim, a respeito de juros, as Agencias tem exercido a função de corrigir a elevação das taxas. Em Traz-os-Montes a taxa de juros era correntemente de 12 a 18 por cento e no Alemtejo e Algarve de 10 a 15. No nosso distrito a taxa era menor e isso em parte devido á Caixa Economica, a qual, sem ser segredo para ninguem, foi sempre bem vista pelo Banco de Portugal.

A agricultura tem constantemente encontrado no Banco de Portugal um auxiliar valioso e é ao Banco de Portugal que, de preferencia, recorrem os proprietarios, pois não necessitam de *papelada* para levantar os capitaes de que carecem, o que não sucede com o Crédito Agricola.

Esta instituição, que é de alto valor e que os governos da Republica tem auxiliado, sofre por ser um organismo do Estado e como tal muito sujeito a papelada, consequencia inevitavel das formalidades burocraticas.

Ao comercio, em geral, tem as Agencias apiedado muito no serviço de cobranças e neste ponto tem modificado, em parte, o modo de ser do negociante da provincia—o portuguez deixa tudo para *ámanhã*—e é o homem do *tenha paciencia*. Promete pagar em certo dia, mas chega esse dia e ás vezes só por negligencia não se acha habilitado a fazê-lo. Aparece o credor, que muitas vezes tem grande necessidade de receber nesse dia, mas o devedor paga-lhe com o tradicional *tenha paciencia* ou *ámanhã será*.

Com a cobrança bancaria o negociante é obrigado a satisfazer os seus compromissos no dia ajustado e assim se vai habituando a prometer só o que pode cumprir.

Enquanto a cambios tambem as agencias tem feito beneficio ás regiões em que exercem as suas funções.

As Agencias do Banco de

Portugal não especulam em cambios. Compram por preços regulares e o preço com que abrem em um dia é o que conservam em todo esse dia, sendo assim um freio á especulação, que tem enriquecido tanta gente.

Este beneficio é bem sensivel em Aveiro, pois raro será aquele que receba dinheiro do estrangeiro, enviado por pessoa de familia, que a longes terras foram para ganhar o pão e bem estar para os seus, que antes de vender não vá á Agencia do Banco informar-se do preço corrente.

E para terminar esta leve resenha do curioso livro sobre as Agencias do Banco, diremos, para honra das mesmas e do caracter do Povo Portuguez, que em aproximadamente 400 mil contos de letras descontadas nos ultimos quatro anos o Banco não teve de prejuiso uma duzia deles.

SUICIDIO

Na manhã de quarta-feira foi a cidade alarmada com a triste e emocionante noticia de que tinha sido encontrado morto, por enforcamento, numa das dependencias do matadouro municipal, de que era fiscal, o sr. Antonio de Lemos, mais conhecido pelo *sobriquet* de *Rei dos Homens*, que o tempo corrompeu modificando-o para *Rei Donis*.

O sr. Lemos, que fôra sempre um trabalhador activo, incançavel, mantendo-se largos anos á frente do seu estabelecimento de barbearia, passou-o a uma sociedade da qual fazia parte um dos seus filhos. Uma modificação a esse contracto, ultimamente feita, originou, segundo ouvimos, divergencias de opiniões e parece que, devido a essa razão, é que o sr. Lemos, num momento de irrefletida exaltação e desgosto, poz termo á vida nas dolorosas circunstancias que referimos.

O extinto contava 65 anos, era casado e deixa quatro filhos maiores, sendo um deles empregado na repartição dos correios desta cidade.

O tresloucado, em carta que deixou, fez a declaração de que o facto que ia praticar era da sua espontanea vontade, não cabendo, por isso, dele responsabilidade a ninguem mais. Pedia para que o seu cadaver, embrulhado num lençol e em modesto caixão, fosse directamente conduzido do sitio em que o encontrassem para o cemiterio. Todas as suas vontades foram cumpridas.

Ha, porêm, a registar uma coincidencia lugubre qual seja a morte duma irmã do suicida, a sr.ª D. Maria de Lemos Moreira, casada com o major picador reformado Antonio José Pires Moreira, e residente em Coimbra, no mesmo dia e quem sabe se á mesma hora que aqui, tão desastradamente, se despedia do mundo o desditoso Antonio de Lemos.

Lamentando profundamente o tristissimo acontecimento, apresentâmos as nossas condolencias a toda a familia enlutada.

Padrões da guerra

No dia 20 tem logar, em Vagos, a inauguração do Padrão de homenagem aos soldados do concelho que morreram na grande guerra, empenhando-se a comissão encarregada das festas que se projectam por as fazer revestir do maximo brilho.

Agradecemos o convite para este jornal se fazer representar.

O preço da batata

Em Lisboa vendeu-se esta semana batata holandêsa ao preço de 25 centavos o quilo e a nova, nacional, a 35 e 40 centavos.

Quando compartilharemos nós de beneficio identico áquele que os amigos lisboêtas veem disfrutando no capitulo mencionado?

Notas mundanas

Com o seu netinho, chegou de Lisboa a sr.ª D. Olinda Soares Rocha, esposa do sr. Francisco da Silva Rocha, director da Escola Industrial.

— Passou na quinta-feira o aniversario da menina Maria Luiza, gentil filhinha do sr. Antonio de Brito.

— Está felizmente muito melhor o sr. João Mota, empregado do Banco Regional.

— Tambem no mesmo dia fez anos o nosso amigo Abel Gonçalves, a quem felicitâmos.

— Foi nomeado agente do Banco de Portugal, em Faro, o sr. José Braz Alves, filho do sr. Antonio Alves, atual chefe da banda da Guarda Republicana do Porto.

José Braz Alves fez aqui os seus estudos e empregado na agencia do Banco desta cidade, logo se distinguiu, seguindo para o Funchal onde prestou relevantes serviços, evidenciando-se como um empregado dos mais habilitados e autorisados. Vagando um logar de agente em Faro, foi superiormente indicado para aquele cargo, em que agora foi investido, apezar dos seus 21 anos de edade.

Muitos parabens.

— Adoeceu a sr.ª D. Norbinda de Melo.

— Fez ontem anos a sr.ª D. Maria dos Dores Freire, dedicada esposa do sr. José Moreira Freire.

— Na segunda-feira fe-los tambem o sr. José da Fonseca Prat.

— Deve embarcar este mez para Loanda o sr. Lutéro Rosa.

— Esteve na sua casa de Requeixo o sr. Manuel Dias dos Santos.

BENEMERENCIA

Do sr. dr. Artur Pinto Basto, antigo deputado, recebemos a costumada mensalidade de 1$50 para a nossa protegida Maria Fartura, que agradecemos.

NECROLOGIA

Faleceu, após longo sofrimento, a sr.ª Maria da Apresentação Picado, solteira, de 60 anos, que por muitos anos serviu na casa do sr. Manuel Gonçalves Neto.

= Tambem repentinamente deixou de existir a viuva do conhecido *Antonio Rainha*, que pertenceu á policia civica.

Imprensa

«A Democracia»

Este semanario republicano, que se publica em Fafe, acaba de entrar no seu 3.º ano de existencia. Bem redigido e com uma orientação que só o honra e ao regimen que defende com calor e entusiasmo, queremos aqui significar-lhe quanto nos é grato felicita-lo no dia do seu aniversario, que oxalá se repita muitas vezes, mas com maior desafogo do que aquele que hoje cerca a imprensa de todo o paiz.

«A Patria»

Tambem este nosso confrade de Ovar completou no fim do mez passado 14 anos, publicando, por esse facto, um numero comemorativo, impresso a côres, e com variada colaboração.

A Patria é atualmente dirigida pelo capitão Manuel Rodrigues Leite, que tem servido a Republica com dedicação e inteligencia, sendo, portanto, crédor da nossa simpatia o jornal onde se encontra por direito proprio.

Sinceros parabens.

Por Oliveira de Azemeis

Mais um parentesis

Para a compreensão nitida do que se tem dado nesta encantadora vila, cuja *élite* intelectual e monetaria é, com poucas excepções, de *passagens* bem tristes, de sentimentos malcheirosos e de pardacenta honradez armada de unhas aduncas mal cuidadas, forçado sou a abrir um pequeno parentesis no final da resumida historia da vida floriada do celebre juiz Antonio Joaquim, que, em recompensa das suas fracas acções, foi transferido para o Tribunal do Comercio do Porto, aonde ganha boa maquia e aonde pode arranjar explendidos *salgados*. Não espanta esta transferencia, porque em Portugal os ladrões andam á solta e os criminosos são premiados. O Antonio Joaquim, se as coisas se mantiverem nesta monta de *Silvas nacionalistas* constelada de grandes miosotis e de brancos malmequeres e se não as transviar da linha de aprumo, que tem sido a norma do seu famoso passado, em pouco tempo subirá ás culminancias do poder, sobraçando, como efectivo a pasta da Justiça e como interino a das Finanças. Que Deus conserve o Silva e desamue os conservadores e que o Antonio Joaquim não perca as graças da familia Conde d'Agueda, e o leitor verá que este magistrado fará girar em vertiginosa velocidade o comercio para a sua insaciavel ambição. Não durará muito quem tal não vir. Quem o foi, sempre o ha de ser. E o Antonio Joaquim já definiu a sua rica alma quando, em 27 de maio de 1899, sendo Delegado do P. Regio na comarca de Chaves, a proposito de proventos do advogado, Liberal Sampaio, escreveu: *Ninguem anda neste mundo para se perder...* Esta frase diz tudo e é fiel autofotografia do infiel Antonio Joaquim.

* * *

Quando na assembleia geral da Cooperativa de Oliveira d'Azemeis se discutiam as contas e mais actos da direcção Castros-Leões, apadrinhada pelo não menos leonino Conselho Fiscal, de que fazia parte o *homem mais fino* da vila, o sr. dr. Anibal Beleza, que então presidia, e o sr. dr. Albino Reis, que então advogava a causa moral e pecuniaria de toda essa quadrilha, que para sempre deixou marcada a sua passagem por essa sociedade de auxilio e defeza mutuos, esforçaram-se para convencer a maioria da assembleia de que a Direcção e Conselho Fiscal tinham cumprido com todos os preceitos legaes referentes ao assunto e empregado todos os seus belos cuidados no desenvolvimento da cooperativa, e chegaram a pensar que, abusando da sua situação profissional, empalmavam os adversarios, conquistando rica coroa de louros para a honra dos seus constituintes e amigos d'ocasião.

Enganaram-se, porque a maioria da assembleia conhecia o bastante da vida dessa quadrilha para se deixar ludibriar e tinha plena confiança na dignidade d'aqueles que, com sacrificios proprios, tanto tinham combatido em prol da verdade e dos interesses dos socios que só queriam o que de Direito era seu. Estes dois advogados falaram de catedra tendo por argumentos de maior pêso o *é porque é e é esta a minha opinião.* Quando viram que a maioria não se deixava cair na malha e que os adversarios estavam senhores de toda a legislação concernente e não se calavam, viraram de escota singrando pela margem da ofensa pessoal. Conhecidos de sobra as suas manhas e rabulices nada conseguiram, resolvendo abandonar a sala e presidencia para não continuar a assembleia e terem, portanto, mais tempo para movimentar as suas influencias pelas aldeias visinhas, vergando dignidades, enlameando caracteres. Mas nem assim. Os verdadeiros amigos da Cooperativa, conhecendo, como as suas proprias mãos, as leis e os estatutos que regiam essa sociedade, não sairam e, aclamando para presidente o sr. dr. Carrelhas, proponham-se continuar a discutir os assuntos da convocação.

Vendo os Castros Leões que não surtiu efeito o estratagema, ordenaram ao sr. Administrador do concelho, vassalo fiel dos que podem dar dinheiro, que não consentisse na reunião. E o sr. dr. Pinho Rocha recachando-se da importancia e valentia que Sidonio Paes lhe havia outorgado a quando da sua ultima viagem ao Porto, avançou para o palco e, hirsuto e iracundo, vociferou em voz de trovão, á falta de justiça, lei e verdade e honradez, que não consentia na continuação da assembleia porque não estava na ordem. Foi tão estupido na sua razão de serviço atribiliario que o sr. dr. Carrelhas nesse momento já presidente da assembleia, na sua habitual fleuma, respondeu que a ordem estava mantida e que o sr. Administrador não podia proceder d'aquela maneira.

Furioso, imaginando que perdia os proventos da sua missão extra-oficial, atirou-se a mim, prendendo-me e espetando-me as garras.

O sr. dr. Albino Reis, vendo o fiasco do seu delegado e perscutindo borrasca proxima que sufocava a prepotencia d'esse ex-seminarista, avançou tambem para o palco e, implorando, conseguiu sofrear os nervos do sr. dr. Pinho Rocha e obter a benevolencia da assembleia.

Pois estes senhores advogados, que tanto tempo andaram unidos na mesma caçada de votos e interesses, desaviram-se a quando das ultimas eleições camararias e no primeiro dia em que em pleno Senado se apreciava o notavel relatorio das ilegalidades, imoralidades e deshonestidades praticadas pela comissão executiva da vereação transacta a que presidia o sr. dr. Anibal Beleza, estas duas comadres, zangadas, soltaram a lingua e despejaram um bom punhado de verdades. Lá disséram um ao outro que estavam acostumados a não cumprir com a lei, para fazerem administrações pouco serias. Cegos nas suas vaidades, feridos, não viram o passado e vieram demonstrar irrefragavelmente que planearam fazer, para salvação dos Castros-Leões e seus pessoaes interesses, o mesmo na Cooperativa.

As declarações destes advogados no dia 25 de abril ultimo cerrebraram a pouca vergonha, a roubalheira que quizeram encobrir nessa assembleia geral da Cooperativa. Vieram dizer a toda a gente que eles e todos os que foram depor ao tribunal desta comarca contra mim e a favor d'essa quadrilha esfomeada e insaciavel, mentiram como perros.

E ainda se levantam—extraordinario descaramento!—para pedirem aos srs. desembargadores da Relação do Porto que me metam durante um ano na prisão e me tirem o resto do pé-de-meia, que, com sacrificios, tenho economisado a bem d'uma creança que quer ser independente para ser honrada!

São uns biltres que ocupam a culminancia da velhacaria!!

* * *

O sr. dr. Antonio Joaquim disse a alguem que fazia todos os esforços para despejar os meus bolsos, conseguindo deste modo a falta de recursos para a minha justiça se perder! E, desconfiando que esse ouvinte seu conhecesse do meu estado economico, perguntou-lhe se eu ainda tinha algum dinheiro. Achou tão asqueroso o procedimento deste juiz, que se colocou ao lado dos Castros-Leões á semelhança dos dois advogados, que serenamente lhe retorquia:

—O sr. dr. Lopes d'Oliveira gasta o ultimo centavo para defender a sua honra, trabalhando sempre sem ser ambicioso nem bajulador e sem deixar de protegero pobre, o oprimido. Lucta pelo seu ideal. Jámais V. Ex.ª o vence. Está muito enganado o sr. dr. Juiz.

E é este homem que me julga e condena e tem ainda protectores que se dizem honrados!

* * *

No tempo em que em Arcos de Vale de Vez esteve restaurada a monarquia do reinado efemero da Traulitania, o sr. dr. Antonio Joaquim fingiu-se amigo do rapaz monarquico, que, pensando tratar com um homem de bem, nele acreditou, protegendo-o. E estando este magistrado no hotel a jantar quando na mesma sala se realizava, entre monarquicos, um banquete de regosijo pela victoria, pela restauração que julgavam segura em todo o paiz, o sr. Antonio Joaquim, nessa data juiz naquela comarca, ao chegar aos brindes, levantou-se do seu canto e, sem ser convidado, ergueu uma taça e saudou a victoria da realeza, sentindo-se irmanado nessa felicidade nacional, nesse regosijo. Confessou voluntariamente que era monarquico. A medalha mostrou em breve o seu reverso. A Republica escorraçou a monarquia. E o Antonio Joaquim, em vez de se irmanar com a desgraça dos monarquicos, em vez de defender e proteger os seus antigos amigos e protectores e correligionarios, foi denuncia-los ás autoridades republicanas.

Querem maior chaga na dignidade dum homem? Querem maior prova de maltrapilho?

Emquanto os monarquicos de Arcos de Vale de Vez esperam, anciosos, a hora do castigo os monarquicos do districto de Aveiro protegem esse traidor, esse denunciante reles, hediondo! Porque será?

E' porque os monarquicos desta região teem o rei na barriga em vez de ter a monarquia no coração. E' porque estes monarquicos, que elegeram um presidente da Republica, não teem a noção de dignidade e esvurmam odios contra todos aqueles que não os deixam, sem protesto, amesendarem-se no erario nacional.

Eis a razão por que me perseguem. Eis a razão por que protegem esse Antonio Joaquim.

E é um juiz destes por quem os politicos da minha terra, os èdis da camara do meu concelho, as pessoas da *élite* desta sociedade se inervam na mais truculenta protecção, mendigando pelos altos poderes a esmola de não fazer uma sindicancia aos cartorios desta comarca para aquilatar da probidade profissional deste magistrado!

E é com uma sentença deste juiz, sentença amassada com odios e ilegalidades, que a fina flor da sociedade oliveirense se honra!

E é toda esta cambada que me persegue e é ouvida nas instancias superiores!

E quem é, que acaricia a dignidade, que não se sente revoltado?!

Até quando durará esta ignobil proteção?

Até ao dia em que a Republica principiar a viver em Portugal. E no meu intimo a voz de minha Patria segreda-me que já não falta muito para esse grande ajuste de contas.

Lopes de Oliveira.
Medico

Uma proêsa

Ante-ontem o sr. major Santa Clara, morador na Forca, veiu á cidade tratar de assuntos da sua vida e, na forma do costume, trouxe a sua montada — que por bom sinal era a do capitão-veterinario sr. Flores—que lha cedera.

O sr. Santa Clara entrou na residencia duma das suas filhas, deixando o cavalo, seguro, á porta. A certa altura, porêm, — momentos aziagos da existencia! —surge a figura, aliás simpatica, de Julio Martins, que se diz comerciante e ser natural de Santa Cruz da Serra, concelho de Ourique, contando apenas 33 risonhas primaveras. Apaixonado, como declarou, por questões hipicas e tendo uma grande inclinação pela posse de boas estampas—não desfazendo—vêr a bela montada do major, liberta-la da prisão, cavalgar e pôr-se a caminho, foi obra dum momento.

O sr. Santa Clara sáe, do cavalo vê apenas o logar e logo se deita á policia a pedir que o ajudem a rehaver o seu rico bucefalo, isto é, o do seu camarada Flores.

Grande movimento na *esquadra*, são acesas as caldeiras de todas as unidades, que em diversas direcções se lançam a toda a velocidade—25 milhas á hora—em procura do corsario que levava a presa.

Numa *moto* passa o dr. José Gamelas, a quem avisam do sucedido e pedem que capture o condutor do bicho, caso o encontrem. Meia hora depois, entre festivas aclamações da multidão estupefacta, volta o dr., com cara de chefe de esquadra, decidido a carregar na parte, acompanhando o tal Julio e a respectiva cavalgadura apreendida no caminho de Ilhavo, a 37,15 de latitude por 18,25 de longitude... Emquanto o sr. Santa Clara bebe um copo de agua para refazer-se do *grandecissimo* susto que apanhou, o simpatico autor da proêsa narra que não poude evitar aquele gesto, que apenas é a consequencia das doutrinas dos camaradas de Lenini e outros: *o que é meu é meu e o que é teu é meu.*

Vamos agora vêr se o tribunal concordará com a teoria do grande... industrial...

Correspondencias

Costa do Valado, 7

Matrimoniou-se no domingo com a filha Helena do falecido Manuel Marques Oiã, de S. Bento, o sr. Francisco Abreu, rapaz que goza de simpatias devido ás suas qualidades de trabalho até hoje nunca desmentidas.

Tanto o acto civil como o religioso tiveram logar em Aveiro, sendo os noivos acompanhados, em treps, por muitas pessoas das suas relações, que aqui, juntamente com outras, os cobriram de flôres, assistindo ás festas de nupcias durante as quais foram queimadas bastantes duzias de fogo.

Aos recemcasados os nossos parabens além de lhes desejarmos as maiores venturas.

— Na comarca de Vagos efectuou-se, ha dias, o julgamento de Artur de Oliveira Batalha, de Salgueiro, autor do assassinio de Angelo Simões Gama, no dia 10 de janeiro findo. Foi condenado em 6 anos de penitenciaria ou na alternativa de 10 de degredo, conservando-se o tribunal sempre repleto de gente.

— A chuva, pelo visto, não nos quer deixar, estando por esse facto muito atrazadas as novidades dos campos.

— Aquele galgo que noticiámos, em tempo, ter sido vendido nas Quintans por 1:200 escudos morreu noutro dia, não voltando por isso a dar mais que falar.

—Faleceu na Povoa um filho de 18 anos do sr. Bernardino dos Santos, que teve um funeral muito concorrido.

Neste esteve para se encorporar a musica do Troviscal, ao que o prior de Requeixo se opoz por estar interdita, chegando a desenhar-se um conflito com o povo.

Felizmente, tudo acabou a bem.

— Deu á luz duas creanças do sexo femenino a esposa do sr. José Martins Pereira, a quem felicitâmos.

C.